

# Descarte de lâmpadas fluorescentes pós-uso: Análise da percepção ambiental dos moradores da Cidade da Esperança em Natal/RN.

Carlos Allan S. Oliveira<sup>1</sup>, Hugo Mozer B. Eustáquio<sup>2</sup>.

1. Estudante de Especialização em Educação Ambiental do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, IFRN e Professor do Instituto Federal do Maranhão, IFMA; \*allansoliveira@hotmail.com

2. Professor do Centro Universitário Facex, Natal/RN

Palavras Chave: Lâmpadas, Mercúrio, Logística reversa.

## Introdução

No ano de 2001, uma das mais graves crises energéticas do país, ocasionada pela redução do nível de água nos reservatórios das hidrelétricas fez com que os brasileiros trocassem as lâmpadas incandescentes (que consomem mais energia e possuem uma menor vida útil) pelas lâmpadas fluorescentes (LF) (mais eficientes energeticamente e de maior vida útil).

Os custos das contas de energia foram reduzidos, mas, agora, os brasileiros podem pagar mais caro com isso: A eficiência energética das LF é explicada pela presença de um metal tóxico, o mercúrio, que na atmosfera pode se converter em espécies altamente reativas como o HgS (Sulfeto de Mercúrio), e o HgCl<sub>2</sub> (Cloreto de Mercúrio), estes se acumulam no solo, na água e nas cadeias alimentares e são capazes de provocar efeitos adversos à saúde humana.

Embora a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) co-responsabilize sociedade, poder público, fabricantes, fornecedores e comerciantes pelo descarte/gerenciamento de resíduos perigosos, sob a premissa da logística reversa, milhões de unidades de LF ainda continuam sendo vendidas e descartadas inadequadamente, enquanto a população desconhece os riscos potenciais à saúde e a natureza que o material pode causar.

## Resultados e Discussão

No bairro da Cidade da Esperança em Natal/RN, foram investigados por meio de questionários aspectos do descarte de LF pós-uso por moradores e da atuação dos comerciantes para a promoção de um destino ambientalmente adequado do resíduo perigoso. Os web-sites de empresas fabricantes que comercializam o produto no bairro também foram investigados quanto à execução da logística reversa.

Ao total 42 moradores e 6 representantes de estabelecimentos comerciais foram entrevistados. Ao questionarmos os moradores sobre o que faziam com as lâmpadas fluorescentes queimadas, 71% deles afirmaram descartar no lixo comum, 14% disseram levar para postos de coleta situados em outros bairros da cidade ou locais de trabalho onde poderiam fazer o descarte adequado, 7% afirmaram destinar ao programa de coleta seletiva, 4% disseram que armazenam as lâmpadas em casa sem saber o que fazer e 2% fornecem outros destinos.

Ao serem informados que as LF não deveriam ser descartadas no lixo comum, 71% dos moradores confirmaram conhecer tal informação, contradizendo o destino final que é dado ao material. A população também demonstrou desconhecer os perigos à saúde e ao meio ambiente ocasionados pelo descarte inadequado das LF, associando-as a um material extremamente cortante, ou não conhecendo nenhum risco que elas podem representar.

Os comerciantes entrevistados relataram não terem sido fiscalizados por órgãos ambientais do poder público municipal e não se mostraram dispostos a participarem da logística reversa das LF, alegando que não recebem nem estariam dispostos a receber o produto pós-uso. Enquanto isso, de 6 fabricantes que comercializam o produto no bairro, apenas 3 informaram em seus web-sites como destinar adequadamente as LF pós-uso.

Os resultados obtidos corroboram a hipótese de que a população local desconhece os perigos ocasionados pelo descarte das LF pós-uso, e que mesmo estando em vigor a PNRS efetivamente não foi implantada. Em tese, o processo de logística reversa ainda está em fase embrionária, fabricantes e comerciantes de produtos perigosos ainda não estão preparados para oferecerem um destino ambientalmente adequado para esses resíduos. Boa parte da responsabilidade para a promoção da logística reversa recai sobre o consumidor, que dependendo do grau de conscientização ambiental, armazena em casa as LF pós-uso sem saber o que fazer ou lhes oferecem destinos ambientalmente inadequados.

## Conclusões

Os moradores da Cidade da Esperança desconhecem esse grave problema ambiental e os riscos à saúde e ao ambiente que ele pode ocasionar, enquanto comerciantes e fabricantes não agilizam ações para a promoção da logística reversa.

## Agradecimentos

Ao Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) e A Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Brandão, A. C.; Gomes, L. M. B.; Afonso, J. C. **Educação Ambiental: O caso das lâmpadas usadas.** Revista de Química Industrial. Nº 731. Rio de Janeiro. 2011.

Mourão, R. F.; Seo, E. S. M. **Logística reversa de lâmpadas fluorescentes.** Revista de saúde, meio ambiente e sustentabilidade. Vol. 07, Nº 02, 2012.